

Não tenho psicológico pra EAD: saúde mental e ensino universitário durante a pandemia da Covid-19 em tweets

Ana Luísa Hübner¹

RESUMO

Em 2021, sete em cada dez universitários brasileiros declararam enfrentar problemas relacionados à saúde mental. A pandemia da Covid-19 atuou como um elemento intensificador do quadro. O Brasil foi cenário de alto número de casos e mortes pelo novo Coronavírus, e as dificuldades em se adaptar ao cenário pandêmico somaram prejuízos à saúde física e mental. Considerando que o país é o quarto em número de usuários nas redes sociais, o debate acerca do bem-estar psicológico tem ganhado espaço na internet. Assim, há relevância em se reconhecer e analisar as narrativas sobre ensino remoto em tempos de pandemia, produzidas e compartilhadas por meio do Twitter, a partir de uma coleta qualitativa de conteúdo. Dessa forma, busca-se encontrar espaços de diálogo sobre a problemática, apontando uma entrada para essa discussão nos espaços de interação digital e também nos ambientes de ensino universitários.

Palavras-chave: Universitários. Twitter. Coronavírus. Saúde Mental. Emoções.

ABSTRACT

In 2021, seven out of every ten Brazilian college students affirmed to suffer from mental health problems. The Covid-19 pandemic acted as a key intensifier element in this condition. Brazil had a high volume of infections and deaths by the new Coronavirus, and the difficulties in adapting to this pandemic scenario resulted in physical and mental health damages. Considering that Brazil is the fourth country with more social media users, this debate around psychological wellness has gained space on the internet. Thereby, there is relevance in recognizing and analyzing the narratives about remote learning in times of pandemic, produced and shared through Twitter, from a qualitative collection of content. This is how this study looks to find dialogue spaces about this problematic situation, indicating a starting point for these discussions in the digital interaction spaces and the university environment.

Keywords: *College Students. Twitter. Coronavirus. Mental Health. Emotions.*

¹Graduanda em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Paraná.

Orientadores: Prof. Fábio Hansen, Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Pará e Prof^a. Virgínia Lemos Leal Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de grande parte dos indivíduos ter acesso a um número elevado de recursos e tratamentos médicos cada vez mais avançados, o quadro da saúde mental da população em geral não se desenvolveu positivamente na mesma proporção. Também, embora se viva mais confortavelmente em comparação a outras épocas, isso não reflete diretamente nos níveis de estresse e ansiedade da população. Isso porque vários outros quesitos contribuem para a tensão e insegurança. Leahy (2011) aponta vários deles, a exemplo da instabilidade dos laços sociais, a diminuição do convívio em comunidade, além do aumento dos índices de criminalidade e desemprego.

Os jovens, intensamente afetados por transformações biopsicossociais, encontraram um cenário ainda mais difícil durante a pandemia da Covid-19. A primeira pandemia na era pós-digital atingiu, no dia 01 de novembro de 2021, de acordo com a Our World in Data², mais de um milhão de vítimas pelo mundo. Para além de um problema de saúde pública, a doença significou, também, uma crise em diversos setores da vida em sociedade, afetando campos como o comércio, o mercado e a rotina de trabalho, a economia e a educação, bem como a convivência social e familiar.

Com a notificação, pelo Ministério da Saúde³, de mais de 21 milhões de casos e mais de 600 mil mortes no país até o momento da pesquisa, o Brasil exibiu uma dificuldade na adaptabilidade diante da pandemia. O país apresentou índices de isolamento social – essencial para redução do contágio do vírus – inversamente proporcionais às curvas de contaminação da doença, com tomadas de decisões em descontração às recomendações da OMS por parte do governo brasileiro.

Ultrapassados um ano e nove meses de pandemia no país, a educação foi um dos principais setores impactados pela crise do novo Coronavírus. De acordo com o relatório sobre o fechamento de instituições de ensino "COVID-19 Impact on Education" (UNESCO, 2020)⁴, mais

² CORONAVIRUS Pandemic (COVID-19) The Data. *Our World in Data*. 1 nov. 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus-data>. Acesso em: 1 nov. 2021.

³ MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel Coronavírus*, 12 out. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 12 out. 2020.

⁴ EDUCATION: from disruption to recovery. *Unesco*. [s.d]. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 4 out. 2020.

de meio bilhão de estudantes ao redor do globo tiveram seus estudos afetados. No Brasil foram mais de 50 milhões de alunos, da educação infantil ao ensino superior.

Durante esse período, as instituições tomaram as mais diversas medidas, desde o cancelamento total do ano letivo, até o retorno do regime presencial com as medidas de biossegurança devidamente implementadas, mesmo antes de os alunos apresentarem o calendário de vacinação completo. Tratando-se das universidades, grande parte adotou o ensino remoto, ou ensino remoto emergencial.⁵

Não somente o espaço físico e a forma como os agentes se relacionam com ele foi alterado pelo acontecimento. O ciberespaço também se reinventa no contexto pandêmico. Definido por Lévy (1999, p. 17), o ciberespaço "especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo", que durante o período de pandemia foi inundado por uma mudança de comportamento com usuários aflitos em busca de apoio e respostas.

Dados da plataforma Shareablee, da Comscore⁶, revelam que no mês de março de 2020 – ainda no primeiro mês que a pandemia afetava o país – o Brasil esteve dentre os quatro países com maior mudança percentual no número de interações e posts nas redes sociais digitais, em

⁵ Ao longo do presente trabalho se adotará o termo "EAD" como sinônimo de ensino remoto por conta da popularidade do termo adotado pelos sujeitos da pesquisa. No entanto, entende-se o Ensino a Distância e o Ensino Remoto – ou Ensino Remoto Emergencial (ERE) – como modalidades distintas. Compreende-se por EAD a modalidade educacional regulada e já consolidada pelo MEC, definida pelo órgão como as atividades educativas que utilizam de tecnologias de comunicação e informação para mediar o processo didático-pedagógico. O ensino remoto, por outro lado, é uma metodologia temporária adotada frente a uma situação emergencial, como a que se está vivenciando durante a pandemia do novo Coronavírus. A atual medida também utiliza da tecnologia como instrumento pedagógico: seja de modo síncrono ou assíncrono, utilizando da internet, televisão, rádio e outras diversas estratégias de ensino. No entanto, existe um padrão menor das ferramentas, métodos de avaliação e atividades elaboradas. O atual ensino remoto brasileiro é regulado pela Portaria nº 343 do Ministério da Educação, de 17 de março de 2020, e estendido pela Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Para mais informações sobre Ensino a Distância e Ensino Remoto Emergencial ver: EDUCAÇÃO Superior à Distância. *Ministério da Educação*, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>. Acesso em: 26 out. 2020 e LIMA, Larissa. MEC Autoriza Ensino a Distância em Cursos Presenciais. *Ministério da Educação*, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/86441-mec-autoriza-ensino-a-distancia-em-cursos-presenciais>. Acesso em: 26 out. 2020.

⁶ VEGA, Fernando. América Latina: o impacto mediático do Coronavírus nas Redes Sociais. *Comscore*. 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/America-Latina-o-impacto-mediatico-do-Coronavirus-nas-Redes-Sociais>. Acesso em: 7 out. 2020.

comparação com o mesmo período no ano anterior. No Twitter, a categoria "saúde" teve uma ascensão percentual de interações de 48,7%.

De acordo com entrevista concedida por Suely Deslandes ao Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Ferreira - Fiocruz (IFF)⁷,

"o uso intensivo da internet pode gerar uma adição, um uso compulsivo, definindo uma dependência e centralidade do uso da internet em relação a qualquer outra ação cotidiana. A participação intensiva nas redes sociais também pode gerar um "excesso" de informação ou, em muitos casos, desinformação sobre a pandemia" (DESLANDES, 2020).

Ou seja, a forma como se interage com o conteúdo digital e a maneira de consumo de conteúdo têm sido revisitadas. Canclini (2015) já definia consumo como "processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados" (p. 65). Em um momento em que todas as demandas e anseios sociais estão sendo ressignificados, o consumo – nesse caso, de conteúdo –, segue a mesma premissa.

A partir de uma análise quantitativa de conteúdo, busca-se reconhecer e analisar as narrativas sobre ensino remoto em tempos de pandemia, produzidas e compartilhadas por meio do Twitter, levando em conta o processo de ensino-aprendizagem remoto dos sujeitos universitários, durante o período da pandemia, compreendendo de que maneira a nova conjuntura afeta sua saúde emocional, suas condições de aprendizado, sua relação com o novo ambiente de ensino e com os demais agentes envolvidos.

A coleta de conteúdo está sendo realizada a partir da análise de posts do Twitter, utilizando a plataforma eTC (*ePOCS Twitter Crawler*), ferramenta de mineração de dados desenvolvida pelo Laboratório de Opinião Pública, Comunicação Política e Mídias Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), em parceria com o Departamento de Informática da mesma universidade.⁸

⁷ DESLANDES, Suely. O papel das redes sociais durante a pandemia. [Entrevista cedida a] Mayra Malavé. *Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Ferreira*. 18 maio 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>. Acesso em: 17 set. 2020.

⁸ Para mais informações sobre a plataforma ver: PUC-RIO. *ePocs Twitter Crawler*. [s.d.]. Disponível em: <https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>. Acesso em: 13 out. 2020.

Conforme Marconi e Lakatos (2005), a metodologia qualitativa permite uma análise acerca do conteúdo mais intensa acerca do comportamento humano, permitindo compreender mais detalhadamente "investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos" (p. 269). É favorecida, desta maneira, a estruturação de um cenário dos perfis de consumo de conteúdo dos pesquisados, a partir de suas práticas comunicacionais nas plataformas sociais digitais.

2 EXPRESSÃO EM 280 CARACTERES

2.1 O comportamento do jovem no Twitter

Tratando-se do uso das redes sociais pela população, o Brasil, já em 2016, posicionava-se como o primeiro país do continente em usuários, de acordo com a revista Forbes. Em um relatório das empresas We are Social e Hootsuite, intitulado "Digital in 2018: The Americas"⁹, foi divulgado que 62% da população brasileira está ativa nas redes sociais. O documento mostra o Brasil em terceiro lugar do mundo no tempo de uso de internet diário: são 9 horas e 14 minutos, sendo a maioria dos usuários indivíduos de 25 a 34 anos. O segundo grupo etário em maior quantidade tem de 18 a 24 anos, agregando, em sua grande parte, estudantes – principalmente universitários.

Os dados são relevantes ao considerar que os adolescentes e jovens adultos estão formando sua identidade e personalidade, e a influência da mídia, bem como os padrões e normas estabelecidos, podem confundir a realidade de um jovem com suas aspirações e percepções de vida e futuro. Recuero (2009), aborda como

"a conversação mediada pelo computador apresenta alguns elementos diferenciais. Primeiro, é um tipo de comunicação que privilegia o anonimato, em detrimento da identificação. Assim, é comum que a própria linguagem e os contextos utilizados para a comunicação neste ambiente sejam apropriados pelos atores como elementos de construção de identidade" (RECUERO, 2009, p. 119).

⁹ KEMP, Simon. Digital in 2018: World's Internet Users Pass the 4 Billion Mark. *We are Social*, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 26 out. 2020.

Um compilado de dados da Cuponation¹⁰ apresentou o Brasil como o 6º maior país em número de usuários no Twitter, totalizando 8,28 milhões de pessoas utilizando a rede ativamente em julho de 2019. Mesmo após 15 anos do seu lançamento, a plataforma continua mostrando uma extrema relevância, sendo a sexta rede mais utilizada pelos brasileiros, segundo o relatório já citado da Hootsuite.

A rede social Twitter foi criada em 2006, por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass a partir de um *insight* baseado na troca de status por SMS. No princípio, a ferramenta consistia em atualizações rápidas de status de 140 caracteres a partir da pergunta "O que está acontecendo?". A pergunta e o objetivo da rede permanecem os mesmos, mas hoje em dia o limite nas postagens é de 280 caracteres, mudança ocorrida em 2017.

Para Marwick e Boyd (2011), o twitter é uma rede social em que autenticidade e sinceridade são importantes. É uma plataforma em que pontos de vista normalmente marginalizados costumam ganhar visibilidade, além de condicionar seus usuários a pesarem os benefícios de abrir mão da privacidade em troca de benefícios sociais quando se expõem. Os autores mencionam como nela se permitem “performances condensadas de si mesmo, já que a expressão é limitada a 140 caracteres” (MARWICK; BOYD, 2011, p. 2, tradução nossa).

Por ter a maior parte de seus usuários de faixa etária mais jovem – 33% de seus usuários possuem entre 13 e 24 anos¹¹ –, é uma rede social um pouco mais intimista, na qual o usuário costuma conectar-se com amigos mais próximos. O número de conexões, medido pelos seguidores, costuma ser bem reduzido ao se comparar com outras redes como Instagram e Facebook. São poucos os jovens que possuem contato com familiares, chefes e colegas distantes na rede. O Twitter, assim, costuma ser palco de relatos mais íntimos e desabafos recorrentes.

2.2 O Twitter no Contexto Pandêmico

¹⁰ BRASIL é o 6º país no ranking mundial de usuários do Twitter. *Tiinside*, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://tiinside.com.br/11/08/2019/brasil-e-o-6o-pais-no-ranking-mundial-de-usuarios-do-twitter/>. Acesso em: 24 out. 2020.

¹¹ MATTOS, Bruno. Conheça a demografia das mídias sociais de 2019. *Twist*, 29 jan. 2020. Disponível em: <https://www.twist.systems/pt-br/blog/2020/01/29/demografia-das-midias-sociais-de-2019/>. Acesso em: 26 out. 2020.

De acordo com o portal Tecnoblog¹², durante o segundo trimestre de 2020 a rede social registrou aumento recorde em número de usuários, representando um crescimento de 34% em relação ao ano anterior. Além de uma cobertura da própria rede sobre a Covid-19, muitos dos usuários utilizaram o microblog para relatar seu cotidiano durante os últimos meses.

Martín-Barbero (2003) apresenta a comunicação como um objeto de mediação, ao indicar que os meios de massa permitem novas maneiras de se estar próximo do outro. Silverstone, por sua vez, levanta como o consumo é

"uma forma de mediação, à medida que os valores e significados dados de objetos e serviços são traduzidos e transformados nas linguagens do privado, do pessoal e do particular. [...] nesse consumo, em sua trivialidade cotidiana, construímos nossos próprios significados, negociamos nossos valores e, ao fazê-lo, tornamos nosso mundo significativo" (SILVERSTONE, 2002, p. 150).

Ademais, “as atividades de consumo (...) são revestidas de carga simbólica. Expressam afeto, materializam status e hierarquias sociais, estabelecem relacionamentos e a obrigação de reciprocidade” (ROCHA, 2016, p. 35). Canclini (2015) infere como, inclusive, parte da lógica de integração e comunicação da sociedade são construídos a partir do consumo. Desse modo, infere-se que o consumo de conteúdo numa rede social é essencial para se (re)estabelecer relações, interações sociais e gerar noções de pertencimento durante um período de isolamento.

Para realização da presente pesquisa, a procura foi por compreender o que estava sendo reportado pelos universitários no Twitter nesse contexto, utilizando-se a plataforma "eTC". O recorte foi feito a partir de cruzamentos de palavras, com um seccionamento de período entre 15/03/2020 – data em que grande parte das universidades anunciou o cancelamento das aulas presenciais –, e 15/09/2020 – 6 meses após o início da pausa das aulas presenciais, em que grande parte das instituições já haviam aderido ao Ensino Remoto Emergencial. O corte do período foi escolhido para compreender as primeiras impressões e o reflexo das novas dinâmicas de ensino na forma de interação dos usuários acerca da sua rotina universitária na rede.

¹² DE BLASI, Bruno Gall. Twitter tem aumento recorde em número de usuários no 2º trimestre de 2020. *Tecnoblog*, 23 jul. 2020. Acesso em: 18 out. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/354247/twitter-tem-aumento-recorde-em-numero-de-usuarios/>.

No que se refere aos termos, dentre diversas combinações abordadas, decidiu-se prosseguir às combinações dos termos "EAD e psicológico", "depressão e EAD" e "EAD e ansiedade". O termo "EAD" manteve-se nos três cruzamentos por ser o principal reflexo da pandemia no ambiente de aprendizagem universitário, desencadeando em outros diversos. Já os termos "psicológico, depressão e ansiedade" foram escolhidos devido ao maior número de posts e interações em comparação a outras combinações. Reforça-se a aplicação do termo "EAD" como sinônimo de "Ensino Remoto Emergencial" pela usabilidade dele pelo público jovem na internet.

Os *tweets* obtidos com a pesquisa foram seccionados em categorias de acordo com as temáticas recorrentes relacionadas ao bem-estar psicológico e o Ensino Remoto Emergencial: a) qualidade do aprendizado e variáveis envolvidas na dificuldade do ensino remoto; b) impactos diretos do ensino remoto na saúde mental estudantil; c) abordagem da questão do ensino remoto e seu impacto nas emoções; d) relação da universidade e corpo docente com o mal-estar psicológico vivido no período. Para permitir a investigação de um número maior de termos, foram selecionados para análise os 100 *tweets* com maior número de engajamento em cada cruzamento. No total, os três cruzamentos pesquisados somam mais de 15 mil postagens durante o período citado, explicitando como a temática tem sido recorrente nas redes nos últimos meses, indicando relevância de se investigar o que está sendo dito.

De acordo com Dalmoro *et al.* (2010, apud Java *et al.* 2007), a utilização do Twitter ocorre por motivos sociais, sendo eles:

"(i) a manutenção de contato com amigos e colegas; (ii) o aumento da visibilidade de assuntos interessantes para uma rede social; (iii) o recolhimento de informações úteis para uma profissão ou de outros interesses pessoais; (iv) a busca de ajuda e opiniões; e (v) a busca de uma liberação emocional" (DALMORO *et al.*, 2010, p. 4).

Para além de questões sociais, a plataforma é utilizada também por razões individuais subjetivas, como a busca por uma liberação psíquica. No presente trabalho o aspecto emocional será analisado por meio do conteúdo consumido e das interações na rede, revelando esse papel significativo de expressão das emoções. A rede social incorpora, assim, um espaço coletivo para exposição dos sentimentos. Isso considerando, principalmente, as variáveis envolvidas na rotina

do universitário brasileiro no contexto vivido durante a pandemia da COVID-19 e a forma como afetam o emocional dos estudantes.

3 A REALIDADE DO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

3.1 O Perfil do Jovem Estudante

O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) prevê que essa fase é compreendida pelo período vivido entre 15 e 29 anos, dividida nos seguintes subgrupos: 15 a 17 anos – jovem-adolescente; 18 a 24 anos – jovem-jovem; 24 a 29 anos – jovem adulto. Ademais, é a principal faixa etária dos universitários brasileiros de acordo com a Associação Brasileira de Estagiários (Abres): a faixa etária dos 18 aos 29 anos representa cerca de 80% dos matriculados no ensino superior.¹³ Esse também é o recorte de idade que possui o suicídio como a segunda principal causa de morte, segundo a OMS.

No campo científico, Schmitz e Barbieri (2016) apresentam a relação entre a classe de um jovem, a forma e o tempo pelo qual a sua juventude se estende. Isso de acordo com sua necessidade de inserção no mercado de trabalho, formação de família e outros fatores. Para além dessa definição, Canclini (2015) apresenta como os conteúdos que consomem e produzem, como se informam e transmitem aos outros, também possuem interferências em decorrência desses fatores. Daí se explica, também, a relação entre a produção de conteúdo e interações sociais dos jovens dessas classes dentro das redes sociais digitais.

Durante o período da pandemia, a parcela social da juventude foi bastante afetada. Esse é um período crucial para a elaboração e estabelecimento de hábitos emocionais e sociais determinantes para manutenção da saúde mental do indivíduo. A OMS sinaliza as condições de saúde mental como encarregadas por mais de 15% da totalidade de doenças e lesões de jovens entre 10 e 19 anos em todo o mundo¹⁴. Ainda assim, o próprio órgão declara como as doenças mentais, principalmente presentes em indivíduos jovens, ainda são marginalizadas. A

¹³ ESTATÍSTICAS. *ABRES*, 2020. Disponível em: <https://abres.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 24 out. 2020.

¹⁴ FOLHA Informativa - Saúde mental dos adolescentes. *OPAS Brasil*, set. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em: 15 out. 2020.

organização relata também que, em países de renda média e baixa, os gastos governamentais com saúde mental são inferiores a 1 dólar per capita¹⁵.

3.2 A Academia e a Sanidade Mental

O relatório da Andifes de 2016 (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) – realizado a partir de levantamentos feitos por pesquisas com estudantes de todas as regiões do país – indica que oito em cada dez discentes de graduação relataram já ter sofrido algum problema emocional, como ansiedade, desânimo, insônia, entre outros. Dos cerca de 940 mil estudantes entrevistados, mais de 6% alegaram ter ideias de morte e cerca de 4% já tiveram pensamentos suicidas.¹⁶

Dentre os motivos que angustiam os jovens universitários estão: dificuldade financeira, carga excessiva de trabalhos estudantis, falta de disciplina e hábito de estudo, adaptação à mudança de cidade, moradia e distância da família e relação com professor. Desde o início do período da pandemia, diversas universidades e institutos realizaram pesquisas de modo a compreender de que maneira o cenário vivido implicava no processo de aprendizado desses alunos, e todas as consequências que esse período de adversidades apresentava no seu cotidiano.

As maiores evidências são de que, para além da lacuna no aprendizado, o período de ensino remoto trará também consequências emocionais significativas para os estudantes. Segundo o médico e colunista Drauzio Varella, os transtornos psiquiátricos serão as sequelas mais prevalentes da pandemia.

¹⁵ SAÚDE mental: é necessário aumentar recursos em todo o mundo para atingir metas globais. *OPAS Brasil*, 6 jun. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5694:saude-mental-e-necessario-aumentar-recursos-em-todo-o-mundo-para-atingir-metas-globais&Itemid=839. Acesso em: 15 out. 2020.

¹⁶ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. *V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais*. 2016. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

"Embora o vírus possa provocar complicações tardias pulmonares, cardíacas, vasculares, renais, musculares e cerebrais, entre outras, o impacto na saúde mental será mais devastador, justamente por afetar uma área já problemática antes da pandemia. [...] Distanciamento social, insegurança financeira, desemprego, medo de adoecer e luto causarão transtornos mentais que permanecerão entre nós por muito tempo" (VARELLA, 2020).¹⁷

Do ensino básico à pós-graduação, os efeitos negativos da crise gerada pelo novo Coronavírus são notáveis: uma pesquisa citada pela Folha de São Paulo, e realizada com 295 alunos da pós-graduação da Faculdade de Direito da USP, apontou que mais de 80% deles adoeceram durante esse período. "Transtorno de ansiedade, depressão e insônia estão entre as doenças mais citadas pelos 295 alunos que responderam à pesquisa. Além disso, 95,9% afirmam que tiveram prejuízos no desenvolvimento de suas pesquisas por causa da epidemia" (BERGAMO, 2020).¹⁸

Os discentes não são os únicos psicologicamente afetados pela pandemia: uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)¹⁹ com os professores que aderiram ao ensino remoto, adotado pela instituição de ensino, destaca que muitas das problemáticas dos alunos se repetem com o corpo docente. Além dos problemas principais relacionados à falta de qualidade (47,6%) ou até mesmo ausência de rede de internet (16,1%), bem como dificuldades ligadas à escassez de equipamentos (26,1%), os profissionais também apresentam reflexos em sua saúde emocional como consequência do isolamento, atingindo quase um quarto dos pesquisados.

¹⁷ VARELLA, Drauzio. Impacto na saúde mental será sequela mais devastadora da pandemia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 2020. Acesso em: 21 out. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2020/09/impacto-na-saude-mental-sera-sequela-mais-devastadora-da-pandemia.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newscolunista&fbclid=IwAR3uMaSGa8AyVY5ejZJOonNwJMu5hj5Rc2U92egb_SlxswURCfArjFyWxXw&origin=folha.

¹⁸ BERGAMO, Mônica. Crise adoeceu mais de 80% dos alunos da pós da Faculdade de Direito da USP. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 set. 2020. Acesso em: 21 out. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/09/crise-adoeceu-mais-de-80-dos-alunos-da-pos-da-faculdade-de-direito-da-usp.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newscolunista&fbclid=IwAR0HU8qUf2J1aT2xqkLZLemEp97uj7UuEj3p9Re2tn61k9aoVP4-YQ51Rs

¹⁹ EM pesquisa do DCE-Livre da USP, 65,6% dos alunos responderam que estão conseguindo estudar "de forma prejudicada" com o sistema de aulas remotas. *ADUSP*. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/3781-aulas-remotas2>. Acesso em: 26 out. 2020.

Uma reportagem do portal CNN²⁰ também aponta como 72% dos educadores tiveram a saúde mental afetada durante a pandemia. Ademais, o ensino remoto é uma medida emergencial e temporária, e por conta disso não possibilita que os professores se capacitem e tenham a preparação necessária quanto à metodologia e instrumentos de ensino.

Ainda de acordo com Silva *et al.* (2020 apud ARAÚJO *et al.*, 2020):

"Muitas vezes, por não conseguir atingir os objetivos propostos pela instituição, e devido às diversas pressões relacionadas ao manuseio das tecnologias, gravações de aulas, os docentes acabam adoecendo. [...] pesquisas internacionais já revelam o adoecimento docente expresso pelas incertezas, estresses, ansiedade e depressão, levando à síndrome do esgotamento profissional" (SILVA *et al.*, 2020, p. 3).

A tecnologia, antes muitas vezes vista como inimiga do professor e responsável por competir com sua atenção em sala de aula, é agora a única saída para a continuação da atividade docente. De acordo com Alcântara e Lima (2019), o sentimento de impotência é quase unânime entre os profissionais da educação que, diante da exigência de resultados bem-sucedidos em avaliações que tornam o processo de ensino ainda mais burocrático e automático, apresentam mal estar a partir da ânsia de buscar nas novas tecnologias o auxílio à prática docente.

Essa busca fica ainda mais evidente e ansiosa durante as aulas remotas, em que professores lidam com as exigências das instituições de ensino, expectativas e dilemas dos alunos, além da própria dificuldade em passar pelo atribulado período. Enquanto muitos dos alunos declaravam falta de compreensão dos docentes, outra parcela retratava preocupação e empatia com os educadores, haja vista o tweet em sequência, possibilitando uma discussão sobre como todos têm sido prejudicados pelos formatos remotos emergenciais: “tem sido o sentimento comum entre os professores que tão migrando pro EAD pra manter seus empregos e a aprendizagem dos alunos sejam legais c os professores de vcs nesse processo, tá todo mundo dando o melhor q pode e disposto a aprender mais”²¹.

²⁰SAÚDE mental de 72% dos educadores foi afetada durante a pandemia, afirma estudo. *CNN*, 31 ago. 2020.

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/08/31/saude-mental-de-72-dos-educadores-foi-afetada-durante-pandemia-a-firma-estudo>. Acesso em: 12 set. 2020.

²¹ CRUZ, Augusto. *tem sido o sentimento comum entre os professores que tão migrando pro EAD pra manter seus empregos e a aprendizagem dos alunos sejam legais c os professores de vcs nesse processo, tá todo mundo dando o melhor q pode e disposto a aprender mais*. 30 mar. 2020. Twitter: @ogutocruz. Disponível em: <https://twitter.com/ogutocruz/status/1244606822490746880>. Acesso em: 11 nov. 2020.

4 RELAXEM E RES(PIREM)

A V Pesquisa de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação da Andifes aponta como um quarto dos alunos menciona ter problemas diretos com a didática dos professores ou condições impostas pela universidade. É possível citar o mantimento do calendário letivo, calendário de prova e atividades, sendo o número de tarefas e trabalhos durante o período a reclamação mais recorrente pelos usuários da plataforma, como demonstra o tweet a seguir: “meu professor: relaxem... respirem... sei que este ano esta sendo dificil para todos, muitos estao com ansiedade etc por conta do ead e sobrecarregar vocês so irá piorar tudo, entao façam aqui TODAS AS ATIVIDADES DO LIVRO e após isso respirem relaxem fiquem de bem”²².

A sobrecarga de atividades não demonstra um período de aprendizado fértil: em uma pesquisa realizada pelo DCE-Livre da USP²³, 65,6% dos alunos respondentes declararam estar estudando "de forma prejudicada" com o sistema de aulas remotas. Outros 16,5% afirmaram não estar conseguindo. Para 57,1% a carga horária das aulas em forma remota “condiz parcialmente” com a das presenciais, enquanto 27,6% crê que não condiz. Esse sentimento fica claro em aproximadamente 10% das postagens, que trazem como principais dificuldades para o aprendizado no período o volume de atividades e trabalhos, a preocupação com a própria saúde e a de familiares e amigos, a perda de pessoas próximas, ausência da convivência social, preocupação com o cenário político e dificuldade em reter atenção e em acessar as plataformas utilizadas, além da desorganização dos docentes.

Mais de 20% dos *tweets* levantados abordam, também, outras variáveis que tornam o Ensino Remoto Emergencial uma dificuldade: além dos conflitos psicológicos e dificuldades pedagógicas, muitos abordam o fato de voltar para a casa dos familiares durante o período da

²² *MEU professor: relaxem... respirem... sei que este ano esta sendo dificil para todos, muitos estao com ansiedade etc por conta do ead e sobrecarregar vocês so irá piorar tudo, entao façam aqui TODAS AS ATIVIDADES DO LIVRO e após isso respirem relaxem fiquem de bem.* 21 jun. 2020. Twitter: @oncetive. Disponível em: <https://twitter.com/oncetive/status/1274849600285945857>. Acesso em: 11 nov. 2021.

²³ EM pesquisa do DCE-Livre da USP, 65,6% dos alunos responderam que estão conseguindo estudar "de forma prejudicada" com o sistema de aulas remotas. *ADUSP*. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/3781-aulas-remotas2>. Acesso em: 26 out. 2020.

quarentena. Na V Pesquisa de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação da Andifes, mais de 25% dos alunos declararam ter saído de casa ou da cidade onde moravam para estudar. Já a pesquisa Juventudes e a Pandemia mostrou que 10% dos entrevistados voltaram ou começaram a morar com amigos, cônjuges ou familiares com quem não dividiam moradia antes da pandemia. 25% declarou, também, uma piora no relacionamento dentro de casa.

5 ESTRESSE, ANSIEDADE, DEPRESSÃO E AS EMOÇÕES DO UNIVERSITÁRIO NO TWITTER

A partir da compreensão dos jovens como aqueles sujeitos que se encaixam na faixa etária dos 15 aos 29 anos, a pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus²⁴ reuniu respostas de mais de 33 mil jovens brasileiros quanto à relação desses indivíduos com a economia, emprego e renda, educação e aprendizagem, contexto, expectativas e hábitos, saúde e bem-estar. Desses, 80% concordaram completa ou parcialmente com a afirmação de que as questões emocionais atrapalham os estudos.

São diversos os fatores envolvidos, com um ponto em comum: a relação direta do aprendizado remoto com problemas psicológicos – 48% das postagens analisadas estabelecem uma relação direta entre o EAD e o início ou intensificação de um cenário insalubre para a saúde mental. Alguns relatam, inclusive, que o agravamento ou desenvolvimento de transtornos não se deve somente às aulas, mas à decisão de participar ou não, bem como ao seu rendimento acadêmico: "minha ansiedade grita pra eu realmente fazer ead mas minha depressão me lembra que eu não consigo estudar em casa e só faço as coisas no ambiente escolar físico" (#SEMANACE, 2020)²⁵. Outro tweet mostra como, apesar de não ser o único fator, o EAD

²⁴CONJUVE. *Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*, 2020. Disponível em: <https://www.juventudeseapandemia.com/>. Acesso em: 21 out. 2020.

²⁵ #SEMANACE, Mojo. *minha ansiedade grita pra eu realmente fazer ead mas minha depressão me lembra que eu não consigo estudar em casa e só faço as coisas no ambiente escolar físico*. 21 jun. 2020.. Twitter: @miojosemgluten. Disponível em: <https://twitter.com/miojosemgluten/status/1274683638702051328>. Acesso em: 29 out. 2020.

também colabora com a instabilidade: “tô triste sem motivo aparente tirando o coronavirus, a quarentena infinita, ead, presidente incompetente, saudade dos meus amigos, vontade de sair, crise de ansiedade, desinteresse em continuar viva e etc”²⁶.

Outros usuários mostram como esse não é o caso isolado: “Ninguém aguenta mais esse EAD !! Esse EAD só deixa os alunos se sentindo mais insuficiente, tendo mais crises de ansiedade ,ninguém aprende nada e acaba com a saúde mental da pessoa em um momento q a saúde mental deveria estar estável #PARALISAEAD” (IZA, 2020)²⁷. Assim, é possível identificar como o ensino remoto entra como um fator dificultador da passagem saudável pelo período, não só pela mudança no processo de ensino-aprendizagem, mas por também restringir a interação social presencial. Isso retira do aluno ainda mais seu senso de pertencimento – que deixa de buscar no território acadêmico, e busca no virtual, a partir do consumo e produção de conteúdo nas redes sociais.

Apesar de 54%²⁸ dos alunos concordarem com o apontamento de que os recursos para o estudo (celular, computador, internet) são pouco adequados, esse foi o penúltimo de 7 fatores apontados como barreiras no ensino não presencial. O *tweet* com maior engajamento entre os coletados com a segmentação “psicológico e EAD” ironiza o fato de muitas das instituições de ensino se posicionarem de forma a fazer parecer que a única dificuldade dos alunos em relação ao ensino remoto era a falta de recursos tecnológicos:

"alunos: tenho parentes q morreram de covid, nao tenho psicológico
reitoria: toma aqui um chip
alunos: mas tenho limitações físicas q me impedem de acompanhar o ead
reitoria: ta bom toma aqui dois chip
alunos: eu nao recebi auxílio to tendo que trabalhar p me manter

²⁶ ROCHA, Daniela. *tô triste sem motivo aparente tirando o coronavirus, a quarentena infinita, ead, presidente incompetente, saudade dos meus amigos, vontade de sair, crise de ansiedade, desinteresse em continuar viva e etc*. 27 jun. 2020. Twitter: @danielaroch_a. Disponível em: https://twitter.com/danielaroch_a/status/1276965255957098497. Acesso em: 11 nov. 2021.

²⁷ IZA. *Ninguém aguenta mais esse EAD !! Esse EAD só deixa os alunos se sentindo mais insuficiente, tendo mais crises de ansiedade ,ninguém aprende nada e acaba com a saúde mental da pessoa em um momento q a saúde mental deveria estar estável #PARALISAEAD*. 13 maio 2020. Twitter: @excuse_MEk. Disponível em: https://twitter.com/excuse_MEk. Acesso em: 26 out. 2020.

²⁸ EM pesquisa do DCE-Livre da USP, 65,6% dos alunos responderam que estão conseguindo estudar "de forma prejudicada" com o sistema de aulas remotas. *ADUSP*. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/3781-aulas-remotas2>. Acesso em: 26 out. 2020.

reitoria: CHIP" (VOZÃO, 2020).²⁹

O tweet acima ilustra como muitos dos alunos não encontram acolhimento e perdem a sensação de pertencimento – já tão escassa no período – com a universidade, expondo como o estudante espera do espaço universitário mais do que a relação ensino-aprendizagem. Todos os tweets trazem uma conformidade como fio condutor: a catarse de emoções advindas da falta de escuta, em que todos os sentimentos parecem atropelados, e os seus portadores aparentam não ter voz em outro ambiente.

Paralisia, ansiedade, revolta, pressão, indignação, insuficiência, rendimento mínimo, depressão, infelicidade, insegurança, tristeza, solidão, exclusão, ódio, invisibilidade e raiva são só alguns dos estados emocionais e sentimentos nomeados por esses alunos. O resultado de toda essa densidade emocional é a somatização da sensação de invisibilidade, uma aparente ausência de preocupação com a sua saúde mental por parte de docentes e instituições de ensino, enquanto o único remédio que lhes era apresentado era a sobrecarga de atividades a distância. A solução, então, era recorrer a esse espaço de interação, como forma de levantar sua voz e se sentir vivo e ouvido.

O humor também é um dos estados emocionais representados nas postagens, e está presente em quase 20% dos conteúdos, sendo esses os com maior engajamento, mostrando como esse tipo de postagem é nativa e bem recebida na plataforma e por seus usuários. De acordo com Freud (1905) o humor é uma espécie de mecanismo de defesa, podendo ter como função o impedimento da sensação de descontentamento, sendo uma maneira de lidar com as dores de existir. Dessa maneira, explica-se que muitos dos usuários recorram ao humor para poder compartilhar sobre as dores vividas durante esse momento.

O tweet com maior número de interações e engajamento dentro de todos analisados traz a frase “EAD significa Estresse, Ansiedade e Depressão”, fazendo uma analogia à sigla (originalmente significando Ensino A Distância). Essa frase aparece em mais de 50 conteúdos analisados e em outras variações, como “Eita Ansiedade Dá uma trégua”; “Estimular A

²⁹ VOZÃO, dia de. *alunos: tenho parentes q morreram de covid, nao tenho psicólogo reitoria: toma aqui um chip alunos: mas tenho limitações físicas q me impedem de acompanhar o ead reitoria: ta bom toma aqui dois chip alunos: eu nao recebi auxílio to tendo que trabalhar p me manter reitoria: CHIP*. 1 jul. 2020. Twitter: @parquelande. Disponível em: <https://twitter.com/parquelande/status/1278363828972138500>. Acesso em: 21 out. 2020.

Depressão” e “Evidência de Ansiedade a Distância”. Mesmo que por meio da ironia e comicidade, as postagens em grande quantidade elucidam como esse é um sentimento que afronta grande parte dos alunos, e que sintomas de depressão, ansiedade e estresse estão se tornando comuns devido à situação.

6 DOS PAPÉIS E RESPONSABILIDADES

Assim como os professores se sentem desamparados pelas universidades, seja no quesito didático, psicológico ou até mesmo salarial, os alunos também reconhecem que poderiam receber maior auxílio das instituições de ensino para além das questões pedagógicas (já problemáticas). 57% dos respondentes da pesquisa Juventudes e a Pandemia declaram que o conteúdo de maior relevância para os estudantes nesse período seria aquele que abordasse o trabalho com emoções, seguido de 49% que consideram importante a abordagem de estratégias sobre organização do tempo e estudos. Em vista disso, percebe-se que os acadêmicos esperam iniciativas em torno desse diálogo dentro do espaço acadêmico, o que gera reflexão sobre o quanto está sendo ouvido e abraçado por elas.

Ranieri (2000, p. 41-42) disserta como a natureza da educação superior mostra-se conforme os benefícios por ela produzidos, como “[...] disseminação do conhecimento superior, formação de pessoal habilitado às ocupações sociais mais complexas, formação de grupos dirigentes, geração de conhecimentos que contribuem para o crescimento da produtividade e da competição do País, etc.” Como esperar, então, que haja formação pessoal, desenvolvimento científico e profissional, se os sujeitos envolvidos não possuem condições mentais de desempenhar seus papéis?

A situação vivida pelos estudantes em decorrência do vírus foge do controle das universidades, por abranger variáveis das mais diversas esferas psicossociais. Todavia, é possível questionar a falta de envolvimento na aplicação de medidas para discussão e orientação sobre a

evidente precariedade de saúde mental dos discentes e docentes, independente da ocorrência das aulas presenciais ou remotas.

A partir do todo conteúdo analisado, percebe-se como os discentes esperam das instituições de ensino formas de apoio psicológico, e não sempre encontrando, acabam buscando encontro, pertencimento e acolhimento na rede social, em busca de resposta e interação. De acordo com Figueiredo (2014), parte da vida subjetiva é depositada em objetos que possuem a capacidade de transformar – objetos denominados transformacionais, conceito formulado por Christopher Bollas. Esses são buscados pelo indivíduo e espera-se, em troca, receber cuidados desse objeto. O espaço da universidade costuma ser tomado como um objeto transformacional, e a busca desse espaço, em um momento de isolamento e afastamento das instituições físicas, têm sido transferida para as redes sociais. No entanto, o Twitter não tem manejo suficiente para servir como instrumento de regulação emocional, fazendo com que o encontro muitas vezes se dê com o vazio, apesar de gerar identificação.

O ensino remoto de caráter emergencial se deu em condições instáveis e até precárias. Falta de infraestrutura e acesso, pressão das instituições de ensino e dificuldades em focar no processo de ensino-aprendizado, em um período em que as preocupações eram de naturezas muito maiores do que uma prova ou um final de semestre. O processo todo, bem como o comportamento (ou a falta de) de muitas das instituições de ensino foi ansiogênico para alunos e professores, e o reflexo pretende perdurar ainda por um longo período.

A sanidade do estudante universitário brasileiro está sujeita a inúmeras variáveis, antes mesmo da pandemia, mas se faz fundamental uma constante busca, por parte do ambiente de ensino, de oportunidades, métodos e diálogos que possibilitem a redução e prevenção de danos psicológicos. Sendo assim, cabe à universidade refletir sobre seu papel social e seu compromisso e responsabilidade com a educação, para que em vez de um agravamento do quadro, possa colaborar como um elemento facilitador com ferramentas de assistência, espaços de reflexão e apoio onde se possa pensar momentos de crise tão impactantes como esse. Dessa forma, poderão surgir alternativas de enfrentamento mais próximas às necessidades do ensino e da aprendizagem, diferente da medida recém tomada do ensino remoto emergencial, de forma que o ensino – em

sua essência – possa ocupar mais que um caráter provisório angustiante e precário, mitigando os impactos em uma geração que já sofrerá com uma lacuna no ensino e na saúde pública.

REFERÊNCIAS

#SEMANACE, Mojo. *Minha ansiedade grita pra eu realmente fazer ead mas minha depressão me lembra que eu não consigo estudar em casa e só faço as coisas no ambiente escolar físico*. 21 jun. 2020, 9:40 AM. Twitter: @miojosemgluten. Disponível em: <https://twitter.com/miojosemgluten/status/1274683638702051328>. Acesso em: 29 out. 2020.

ALCÂNTARA, Samuel; LIMA, Maria Celina Peixoto. O (im)possível do educar na cibercultura: reflexões psicanalíticas sobre educação, tecnologia e os desafios da docência na contemporaneidade. *SCIAS Edu., Com., Tec.*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 2-23, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/3421/2179>. Acesso em: 11 nov. 2021.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Cadernos da Escola de Comunicação*, v. 6, n. 1, p. 34-40, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>. Acesso em: 26 out. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. *V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais*. 2016. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

BERMÚDEZ, Ana Clara. 54 das 69 federais já retomaram ou vão retomar aulas remotamente. *UOL*. São Paulo, 20 ago. 2020. Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/08/20/universidades-federais-retomada-aulas-remotamente.htm>. Acesso em: 13 out. 2020.

BERGAMO, Mônica. Crise adoeceu mais de de 80% dos alunos da pós da Faculdade de Direito da USP. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 set. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/09/crise-adoeceu-mais-de-80-dos-alunos-da-pos-da-faculdade-de-direito-da-usp.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newscolumnista&fbclid=IwAR0HUt8qUf2J1aT2xqkLZLemEp97uj7UuEj3p9Re2tn61k9aoVP4-YQ51Rs. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL é o 6º país no ranking mundial de usuários do Twitter. *Tiinside*, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://tiinside.com.br/11/08/2019/brasil-e-o-6o-pais-no-ranking-mundial-de-usuarios-do-twitter/>. Acesso em: 24 out. 2020.

BRASIL. *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 18 out. 2020.

BRASIL, Ministério de Educação. *Portaria nº 343, de 17 de março de 2020*. Brasília, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/03/2020&jornal=515&pagina=39&totalArquivos=125>. Acesso em: 3 nov. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020*. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 3 nov. 2020.

CONJUVE. *Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*, 2020. Disponível em: <https://www.juventudeseapandemia.com/>. Acesso em: 21 out. 2020.

CORONAVIRUS Pandemic (COVID-19) The Data. *Our World in Data*. 1 nov. 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus-data>. Acesso em: 1 nov. 2021.

CRUZ, Augusto. *tem sido o sentimento comum entre os professores que tão migrando pro EAD pra manter seus empregos e a aprendizagem dos alunos sejam legais c os professores de vcs nesse processo, tá todo mundo dando o melhor q pode e disposto a aprender mais*. 30 mar. 2020. Twitter: @ogutocruz. Disponível em: <https://twitter.com/ogutocruz/status/1244606822490746880>. Acesso em: 11 nov. 2020.

DALMORO, Marlon *et al.* Twitter: Uma Análise do Consumo, Interação e Compartilhamento na Web 2.0. *XXXIV Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro, 2010.

DE BLASI, Bruno Gall. Twitter tem aumento recorde em número de usuários no 2º trimestre de 2020. *Tecnoblog*, 23 jul. 2020. Disponível em:

<https://tecnoblog.net/354247/twitter-tem-aumento-recorde-em-numero-de-usuarios/>. Acesso em: 18 out. 2020.

DESLANDES, Suely . O papel das redes sociais durante a pandemia. [Entrevista cedida a] Mayra Malavé. *Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Ferreira*. 18 maio 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>. Acesso em: 17 set. 2020.

EDUCAÇÃO Superior à Distância. *Ministério da Educação*, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>. Acesso em: 26 out. 2020.

EDUCATION: from disruption to recovery. *Unesco*. [s.d.]. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 4 out. 2020.

EM pesquisa do DCE-Livre da USP, 65,6% dos alunos responderam que estão conseguindo estudar "de forma prejudicada" com o sistema de aulas remotas. *ADUSP*. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/3781-aulas-remotas2>. Acesso em: 26 out. 2020.

ESTATÍSTICAS. *ABRES*, 2020. Disponível em: <https://abres.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 24 out. 2020.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *Cuidado, Saúde e Cultura, Trabalhos Psíquicos e Criatividade na Situação Analisante*, 2014. São Paulo: Cultura.

FOLHA Informativa - Saúde mental dos adolescentes. *OPAS Brasil*, set. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em: 15 out. 2020.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, 1905. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015, p. 59-73.

IZA. *Ninguém aguenta mais esse EAD !! Esse EAD só deixa os alunos se sentindo mais insuficiente, tendo mais crises de ansiedade ,ninguém aprende nada e acaba com a saúde mental da pessoa em um momento q a saúde mental deveria estar estável #PARALISAEAD*. 13 maio 2020. Twitter: @excuse_MEk. Disponível em: https://twitter.com/excuse_MEk. Acesso em: 26 out. 2020.

KEMP, Simon. Digital in 2018: World's Internet Users Pass the 4 Billion Mark. *We are Social*, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 26 out. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica* 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LEAHY, R. L. *Livre de Ansiedade*. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 17.

LIMA, Larissa. MEC Autoriza Ensino à Distância em Cursos Presenciais. *Ministério da Educação*, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/86441-mec-autoriza-ensino-a-distancia-em-cursos-presenciais>. Acesso em: 26 out. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver meios e mediações. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARWICK, Alice; BOYD, Danah. *To see and be seen: Celebrity practice on Twitter*. *Convergence*, v. 17, n. 2, p. 149, 2011.

MATTOS, Bruno. Conheça a demografia das mídias sociais de 2019. *Twist*. 29 jan. 2020. Disponível em: <https://www.twist.systems/pt-br/blog/2020/01/29/demografia-das-midias-sociais-de-2019/>. Acesso em: 26 out. 2020.

MEU professor: relaxem... respirem... sei que este ano esta sendo dificil para todos, muitos estao com ansiedade etc por conta do ead e sobrecarregar vocês so irá piorar tudo, entao façam aqui TODAS AS ATIVIDADES DO LIVRO e após isso respirem relaxem fiquem de bem. 21 jun. 2020. Twitter: @oncetive. Disponível em: <https://twitter.com/oncetive/status/1274849600285945857>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel Coronavírus*, 12 out. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 12 out. 2020.

PUC-RIO. *ePocs Twitter Crawler*. [s.d.]. Disponível em: <https://etc.biobd.inf.puc-rio.br/>. Acesso em: 13 out. 2020.

RANIERI, Nina Beatriz Stocco. Aspectos Jurídicos da Autonomia Universitária no Brasil. In: STEINER, João E.; MALNIC, Gerhard. *Ensino Superior: Conceito & Dinâmica*. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 1-26. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/observatorios/ensinosuperior>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Famecos*. Porto Alegre, n. 38, abr 2009.

ROCHA, Daniela. *tô triste sem motivo aparente tirando o coronavirus, a quarentena infinita, ead, presidente incompetente, saudade dos meus amigos, vontade de sair, crise de ansiedade, desinteresse em continuar viva e etc.* 27 jun. 2020. Twitter: @danielaroch_a. Disponível em: https://twitter.com/danielaroch_a/status/1276965255957098497. Acesso em: 11 nov. 2021.

ROCHA, Everardo. O consumo como forma de expressão e de pertencimento. [Entrevista cedida a] Danielle Kiffer. *Rio Pesquisa*. n. 39, ano 9, p. 35.

SAÚDE mental: é necessário aumentar recursos em todo o mundo para atingir metas globais. *OPAS Brasil*, 6 jun. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5694:saude-mental-e-necessario-aumentar-recursos-em-todo-o-mundo-para-atingir-metas-globais&Itemid=839. Acesso em: 15 out. 2020.

SAÚDE mental de 72% dos educadores foi afetada durante a pandemia, afirma estudo. *CNN*, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/08/31/saude-mental-de-72-dos-educadores-foi-afetada-durante-pandemia-afirma-estudo>. Acesso em: 12 set. 2020.

SCHMITZ, Daniela; BARBIERI, Alexa Oliveira. Jovem e consumo midiático: mapeando práticas juvenis das regiões Sul e Sudeste. *Novos Olhares*, v. 6, n. 2, p. 91-103.

SILVA, Andrey Ferreira *et al.* Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: revista de saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-4, 2020.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

TWITTER. *Rules and policies*. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/glorifying-self-harm>. Acesso em: 26 out. 2019.

UFSM impõe ensino remoto sem debate com a comunidade acadêmica. *Andes*, Brasília, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/uFSM-impoe-ensino-remoto-sem-debate-com-a-comunidade-academica1>. Acesso em: 17 out. 2020.

VARELLA, Drauzio. Impacto na saúde mental será sequela mais devastadora da pandemia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2020/09/impacto-na-saude-mental-sera-sequela-mais-devastadora-da-pandemia.shtml#:~:text=Transtornos%20psiqui%C3%A1tricos%20ser%C3%A3o%20as%20sequelas,j%C3%A1%20problem%C3%A1tica%20antes%20da%20pandemia>. Acesso em: 21 out. 2020.

VEGA, Fernando. América Latina: o impacto mediático do Coronavírus nas Redes Sociais. *Comscore*. 16 abr. 2020. Disponível em:

<https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/America-Latina-o-impacto-mediatico-do-Coronavirus-nas-Redes-Sociais>. Acesso em: 7 out. 2020.

VIEIRA, Manuela do Corral. *Os jovens flâneurs.com: A construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da internet*. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

VOZÃO, dia de. *alunos: tenho parentes q morreram de covid, nao tenho psicológico reitoria: toma aqui um chip alunos: mas tenho limitações físicas q me impedem de acompanhar o ead reitoria: ta bom toma aqui dois chip alunos: eu nao recebi auxílio to tendo que trabalhar p me manter reitoria: CHIP*. Fortaleza, 1 jul. 2020, 1:24 PM. Twitter: @parquelande. Disponível em: <https://twitter.com/parquelande/status/1278363828972138500>. Acesso em: 21 out. 2020.